

JORNAIS DO NORTE DE GOIÁS: LEITURAS DO PASSADO E POSSIBILIDADES DE ESCRITA DA HISTÓRIA

NORTH GOIÁS NEWSPAPERS: PAST READINGS AND HISTORY WRITING POSSIBILITIES

Francisco Gilson Rebouças Porto Junior 1
Ruy Alberto Pereira Bucar 2

Resumo: Jornais do norte de Goiás, hoje Estado do Tocantins, têm sido ignorados pelos estudos de mídia que tem buscado compreender o paradigma da imprensa regional. Estima-se que cerca de 110 periódicos tenham circulado na região desde o aparecimento do pioneiro Folha do Norte, em 1891 aos dias atuais. A visão de conjunto dos jornais tocaninenses revela uma diversidade de publicações; diários, semanários; informativos, opinativos; partidários, engajados, comerciais e panfletos políticos, dentre outros. Desses, menos de meia dúzia permanece circulando. O presente artigo busca traçar um panorama do desenvolvimento da imprensa regional, desde o surgimento do Folha do Norte, 1891, ao desaparecimento do Jornal do Tocantins, 2018. O estudo contribui para ampliar as fontes de consulta sobre a imprensa regional e para enriquecer a historiografia do Tocantins e a história da imprensa brasileira. O estudo pretende ainda apresentar possibilidades de construção da história tomando a leitura do passado por meio de narrativas dos jornais como fontes historiográficas.

Palavras chave: Imprensa. História. Memória. Norte de Goiás. Estado do Tocantins.

Abstract: Newspapers from northern Goiás, now the state of Tocantins, have been ignored by media studies that have sought to understand the regional press paradigm. It is estimated that around 110 journals have circulated in the region since the pioneer Folha do Norte appeared in 1891 to the present day. The overall view of Tocantins newspapers reveals a diversity of publications; daily, weekly; informative, opinionated; partisans, engaged, commercials and political pamphlets, among others. Of these, less than half a dozen remain circulating. This article seeks to provide an overview of the development of the regional press, since the emergence of the Folha do Norte, 1891, the disappearance of the Jornal do Tocantins, 2018. The study contributes to broaden the sources of consultation about the regional press and to enrich the historiography of Tocantins and the history of the Brazilian press. The study also intends to present possibilities of history construction taking the reading of the past through newspaper narratives as historiographic sources.

Keywords: Press. History. Memory. Northern Goiás. State of Tocantins.

Doutor em Comunicação e Culturas Contemporâneas (FACOM-UFBA). Mestre em Educação (PPGE-UnB). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5335-6428>. E-mail: gilsonportouft@gmail.com | 1

Jornalista. Mestre em Comunicação e Sociedade pelo PPGCOM da Universidade Federal do Tocantins (UFT). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6261-4284>. E-mail: ruybucar@globo.com | 2

[...] a imprensa foi o meio pelo qual os líderes locais faziam suas reivindicações e alertava a população para os problemas [...].

Ruy Rodrigues

Para início de conversa...

No dia 31 de dezembro de 2018 circulou a última edição impressa do *Jornal do Tocantins*. A notícia, ocupando a manchete principal foi dada dissimuladamente como anúncio de um novo formato; bem mais ágil e mais completo, resultado de inovações tecnológicas efetivadas pelo veículo, num contexto de profundas transformações midiáticas. O comunicado nem de longe aborda o fim do impresso. “Nos vemos aqui a cada segundo!”, convida o título da chamada de primeira página, que ocupa a manchete principal, tomando quase toda a página.

Com quase 40 anos de existência e a partir de amanhã 100% digital, o *Jornal do Tocantins* continua evoluindo e se adaptando ao seu tempo, mas sempre com a preocupação de oferecer informação de qualidade e caminhando lado a lado com o Tocantins. (JORNAL DO TOCANTINS, nº 7.578, 2018).

A notícia não teve maiores repercussões além do campo jornalístico. O jornal vinha em queda de venda nas bancas o que indica redução do índice de leitura, que afeta diretamente o prestígio de qualquer publicação e conseqüentemente interfere no faturamento. Também já vinha reduzindo o quadro de profissionais como medida para superar o déficit. Além de outras medidas jornalísticas como mudança de formato, de linha editorial com sucessivas reformas, que pelo jeito, não surtiu o efeito esperado.

Fechamento de postos de trabalho centralizou o debate, ao passo que não se viu uma única manifestação de lamento pelo desaparecimento do diário. Não está se falando de um jornal qualquer, mas de um veículo tradicional. No caso, o maior e mais importante diário do Estado. Tornou-se tão frequente o desaparecimento de periódicos que já não causa mais impacto na opinião pública, parece algo natural, que cedo ou tarde vai terminar acontecendo, é só uma questão de tempo. A indiferença da opinião pública parece traduzir esta percepção. É apenas mais um jornal a muda de formato para se adaptar às tendências do mercado. Nada mais corriqueiro e enganoso.

Convenhamos, o desaparecimento do maior e mais importante diário do Estado do Tocantins não pode ser apenas mais um jornal. Pelo menos para quem investiga a trajetória da imprensa regional o desaparecimento do *Jornal do Tocantins* constitui um fato tão marcante para a história da imprensa regional quanto à criação do Estado do Tocantins e o surgimento da própria imprensa diária do qual o referido diário se tornaria um dos seus melhores representantes. A derrocada do *Jornal do Tocantins* marca o fim de uma época, que pode ajudar a delimitar um novo período da história da imprensa tocaninense.

Quanto ao mérito da questão, o desaparecimento do *Jornal do Tocantins* não é objetivo deste artigo, mas é oportuno registrar que o diário resistiu o quanto pode. Era um exemplar raro de uma espécie em extinção. Superou diversas sentenças de mortes demonstrando capacidade de adaptação e disposição para cortar na carne e inovar. Nada foi suficiente para evitar ser notícia nas colunas do obituário da imprensa.

O *Jornal do Tocantins* é um bom exemplo da tradição e dos desafios da produção da imprensa no norte de Goiás. A imprensa dominou a cena da comunicação no norte de Goiás que viria a se tornar Estado do Tocantins durante quase um século, como a única mídia que reportava os fatos da região a partir da cobertura local. Uma mídia, que pela sua condição de mais antiga porta voz da região, guarda a memória das representações da região tocanina. O rádio e a televisão alcançaram o norte nas décadas de 70 e 80 respectivamente e somente depois da criação do Estado essas novas mídias passaram a se ocupar da produção de notícias. Antes atuavam apenas no segmento do entretenimento.

O presente artigo busca apresentar um panorama do desenvolvimento da imprensa no Estado do Tocantins, classificando cada veículo de acordo com suas características técnicas e

conteúdo jornalístico, bem como a relação dos seus editores. O estudo tem a relevância de contribuir para ampliar as fontes de consulta sobre a imprensa regional e enriquecer a historiografia do Tocantins e da história da imprensa brasileira. O estudo pretende ainda apresentar possibilidades de construção da história a partir da leitura do passado tendo como fonte de análise narrativas dos jornais editados na região e que tinham o norte como identidade e destinatário do conteúdo jornalístico.

Contexto

O panorama geral do desenvolvimento da imprensa no Tocantins, para efeito deste estudo, compreende o período de 1891 a 2018, aparecimento do primeiro jornal *Folha do Norte*, em Porto Nacional ao desaparecimento do *Jornal do Tocantins*, editado em Palmas. Em 130 anos de atividades jornalísticas a região tocanínia contou com cerca de 110 publicações entre - jornais, revistas e almanaques - que se enquadram no conceito de imprensa, tomando como definição sintética a ideia de veículos de comunicação que exercem o jornalismo e outras funções de comunicação. (SODRÉ, 1983; GOMES, 1991; DINIS, 1977; SEIXAS; SIQUEIRA, 2016; SANTOS, 2016; ROSA; PACHECO; SCHWAAB, 2018; BRINGEL; SACRAMENTO, 2016; BARBOSA, 2004).

Adotou-se neste trabalho a definição de imprensa tocaninense a imprensa feita no norte de Goiás, hoje Estado do Tocantins, tendo como principal critério a autodeclaração, edição a partir da realidade regional ou conteúdo editorial voltado para os interesses da região, independente da sua natureza, do engajamento político e da circulação. Como observa Cruz & Peixoto o título e o subtítulo quase sempre indicam pretensão editorial.

[...] sabemos que ao assumir o título de *Jornal do Brasil* o jornal carioca, quando foi lançado, por estar falando da então capital federal, anunciava uma pretensão editorial de, ao constituir-se como porta voz da sociedade civil e articulador de questões nacionais, atingir uma repercussão em todo o país. Diferentemente, o *Diário de São Paulo*, já de início, assume falar para e na defesa dos paulistas. (CRUZ & PEIXOTO, 2007, p.261).

A cobertura regional é um dado objetivo que identifica o veículo com a sua região, ainda que eventualmente ele seja editado em outro contexto bem diferente do universo regional a que se destina seu conteúdo.

[...] antes e durante o processo de *invenção* dessa nova unidade federativa, o Tocantins, a mídia regional apresentava narrativas a favor da emancipação política do norte de Goiás (diferente das narrativas midiáticas de veículos de âmbito nacional). (ANJOS, 2017, p.59).

A comprovação documental que assegura ser o *Folha do Norte* o primeiro jornal do norte de Goiás, como tem sido relatado por diversos trabalhos científicos, o editorial da primeira edição não deixa a menor dúvida.

Para ficar consignado entre os acontecimentos que hão de figurar na fatura história de Porto Nacional, noticiamos que a nossa tipografia é a primeira que se estabelece no Norte de Goyaz e em todo a zona do Alto-Tocantins. [sic] (FOLHA DO NORTE, Nº 1, 1891, *apud* OLIVEIRA, 1997).

Essa primeira edição histórica circulou no dia três de julho de 1891 e foi um marco. Oliveira, em seu estudo sobre Porto Nacional em que recorreu ao acervo do periódico para estudar o cotidiano da cidade observa que havia consciência por parte dos empreendedores

da importância histórica da fundação do jornal.

O surgimento do quinzenário *Folha do Norte* é o marco inicial da atividade da imprensa no norte de Goiás; o outro extremo, marco final, o desaparecimento do *Jornal do Tocantins*. A edição nº 7.578 do diário que circulou em 30 de dezembro de 2018, a última edição impressa, estabeleceu naturalmente este marco, que poderíamos chamar de fechamento de um ciclo.

Para efeito de sistematização pode-se dividir este recorte histórico em dois grandes períodos antes e depois da criação do Estado do Tocantins. Tendo em vista que a criação do Estado alterou profundamente o comportamento da imprensa feita na região. O primeiro período vai de 1891 a 1988, com duração de quase 100 anos. O segundo, de 1988 a 2018 com duração de 30 anos. Ambos os períodos podem ser subdivididos em três fases, conforme estágio de desenvolvimento dos periódicos.

Para melhor compreensão do desenvolvimento da imprensa tocantiniana adota-se o critério de agrupamento dos periódicos de acordo com período de circulação. Assim sendo, o primeiro período será dividido em três fases distintas conforme acontecimentos regionais que impactaram a produção jornalística.

A primeira, de 1891 a 1940, do aparecimento da imprensa em Porto Nacional ao início da sua expansão para outras localidades. Ao todo 12 periódicos foram editados neste período – *Folha do Norte* (1891), *O Incentivo* (1901), *Norte de Goyaz* (1905) *Jornal do Povo* (1920), *O Corisco* (1929), *Voz do Norte* (1929), *O Norte* (1929), *Folha dos Moços* (1930), *O Colegial* (1940), *Voz do Norte* (1940), *A Palavra* (1938) e *A Voz de Pedro Afonso* (1941). Nas quatro primeiras décadas iniciais o fenômeno da multiplicação de textos fica restrito a Porto Nacional e não é por acaso.

No final do século XIX Porto Nacional começa a despontar como o grande centro difusor de ideias da região. Superava Natividade como a maior cidade do norte e o mais importante polo regional. Localização privilegiada, como entreposto comercial, condição que explica o seu rápido crescimento servindo como intercâmbio entre dois núcleos mineratórios Carmo e Pontal e se desenvolveu em função do esgotamento do ouro desses povoados (OLIVEIRA, 1997). São fatores que indiscutivelmente contribuíram para Porto Nacional despontar como um dos mais importantes polos de imprensa no norte de Goiás.

Oliveira em seu estudo sobre cultura e cotidiano da cidade conclui que três aspectos contribuíram para Porto Nacional se diferenciar das demais. A presença de um médico na cidade, o surgimento de periódicos e a presença dos frades dominicanos vocacionados à educação que se instalaram na cidade no final do século XIX.

Há consenso de que a presença dos dominicanos na cidade foi um fator importante para o seu desenvolvimento. A ideia de Porto Nacional ser a capital cultural do norte de Goiás é atribuída à boa educação ministrada nos colégios dos padres e das freiras. (OLIVEIRA, 1997 p. 155).

Sobre a produção de periódicos locais Oliveira infere que a cidade contava com uma elite intelectual que tinha consciência do seu papel naquele contexto de carências e desafios.

A fundação dos periódicos, mostra que havia uma elite intelectual na cidade, e mais, que esta elite estava consciente da importância tanto para a época quanto para os tempos vindouros do papel destes periódicos. (OLIVEIRA, 1997, p. 155).

No contexto nacional a imprensa iniciava a transição da fase de pequenos jornais para a grande imprensa que se consolidaria com o avanço da industrialização (SODRÉ, 1983; NOGUEIRA, 2016; NUNES; SILVA, 2016; BARBOSA, 2007a, 2007b; BARTHES, 2011). O quinzenário *Folha do Norte* é contemporâneo do *Jornal do Brasil*, o primeiro jornal da chamada grande imprensa, fundado, no Rio de Janeiro, em 1891.

Sodré chama a atenção para o fato de que até a década de 20 a literatura e jornalismo se confundiam, a ponto de os diários serem escritos com uma “linguagem empolada”, inadequada para a veiculação de notícias. (SODRÉ, 1983; MUNARO, 2017, 2018, 2019; COELHO, 2016; COLFERAI, 2019; COLFERAI; NICOLIELO, 2016; BOURDIEU, 2007; BURKE, 1992). O pesquisador observa que surgimento do rádio nos anos 20 concorre para maior agilidade das notícias. Neste período acontece o lançamento da revista *O Cruzeiro*, em 1929, dos Diários Associados, que vai influenciar os jornais a incorporar a ideia de estética gráfica.

Em nível nacional uma nova ordem política se estabelece. O Brasil embala no ritmo da Revolução de 30 que teve efeito no desenvolvimento regional. Historiadores goianos apontam que ascensão de Vargas com a Marcha para o Oeste como fato histórico que colocou Goiás no mapa do Brasil, com a construção de Goiânia e transferência da Capital. Seus efeitos são sentidos também no norte do Estado.

A chegada do Correio Aéreo Nacional (CAN) no início da década de 40 inaugura uma nova era no norte de Goiás. A Rota do Tocantins consolida o eixo das cidades ribeirinhas e fortalece a atividade da imprensa na região, com melhora sensível do transporte que favorece o comércio e as comunicações (SILVA, 2010). Os jornais ganham um eficiente sistema de distribuição.

[...] aviadores na ânsia de abarcarem o Brasil com sua rede fortíssima, sonharam com rotas aéreas para todos os lados e todos os quadrantes do Brasil, batizadas por aeroportos ou campos de pouso em cada núcleo de civilização de todo o território nacional.

A energia, a persistência e o defensor de todos os pilotos do Correio Aéreo Militar, resultou na realização do sonho e num benefício incalculável ao país. Era o início da marcha para o Oeste, que o Presidente da República frisava a necessidade anos depois, em linhas magistrais. (RODRIGUES, 2001, p.18).

A Revolução de 30 inicia um processo de modernização com o incentivo à industrialização que favorece o surgimento da grande imprensa. (SODRÉ, 1983; SKIDMORE, 1982; CABRAL, 2009; CAVALCANTE, 2003; CAPELATO, 1988; CERTEAU, 1982; CHARTIER, 1990; CHIARADIA, 1972; D'ABREU, 1972; De FLER, 1993; DINES, 1974; DUBY, 1998). A imprensa sofre com as restrições do Estado Novo a partir da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão de controle da imprensa exercido pelo governo federal. A imprensa do norte de Goiás sente os efeitos da modernização. Surge a imprensa engajada que vai assumir posição clara não apenas de defesa da região, mas a favor da criação do Estado do Tocantins.

O Estado Novo marca o início da profissionalização da atividade jornalística com o decreto de 1937 que regulamenta a profissão de jornalista. A censura e as disputas políticas influenciavam na produção jornalística, mas o analfabetismo era o grande desafio para o desenvolvimento da imprensa. (PETRARCA, 2007; FAUSTO, 1995; FLORES, 2009; FREIRE, 2000; GIDENS, 1999; GINZBURG, 1987; GIRALDIN, 2002; GOMES, 2004; GOMIS, 1991; HACKETT, 1999; HOBBSAWWM; RANGER, 1984; HOLANDA, 1995; MALERBA, 2016).

A segunda fase compreende o período de 1940 a 1960, a arte de multiplicar textos se expande para Pedro Afonso e no mesmo período surge em Boa Vista do Tocantins, hoje Tocantinópolis, segunda maior cidade do norte e também a segunda em ocorrência de jornais. Nesta fase se observa a formação do corredor fluvial da imprensa integrando os polos de Porto Nacional, Pedro Afonso e Tocantinópolis. O polo de Pedro Afonso surge a partir da influência da tradição de Porto Nacional e Tocantinópolis da experiência de Carolina (MA) que no período imperial pertencia a Goiás.

[...] na margem do Tocantins foi firmando-se, na segunda metade do século, uma série cadenciada de povoações como escala da navegação: Palma, Peixe, Porto Imperial, Piabanha, Pedro Afonso, Carolina, Boa Vista, Imperatriz. Em Goiás, Porto Nacional adquiriu no fim do século maior impulso pela posição central, e por terem instalado os padres dominicanos ali seu centro de operações. (PALACIN, 1990, p.12).

Cidades ribeirinhas que segundo Palacín tiveram o processo de desenvolvimento diferenciado das demais favorecidas pela navegação que integravam o transporte, o comércio e as comunicações.

Neste período são publicados em Porto Nacional os periódicos, *Goiás Central* (1950), *A Norma* (1853), *Estado do Tocantins* (1956) e o *Polígrafo* (1958), em Boa Vista do Tocantins, Tocantinópolis, *Correio do Norte* (1948), *O Tocantins* (1950), *A Palavra Livre* (1953) e o *Verdade* (1956), e em Pium, *Ecos do Tocantins* e *Anuário do Tocantins*.

A partir dos anos 40 Tocantinópolis rivaliza com Porto Nacional o domínio da atividade jornalística. Neste período se registra o maior número de jornais editados no norte de Goiás, anterior a criação do Estado. Foi o período também de maior movimentação em torno das manifestações pela criação do Estado do Tocantins. Fora do eixo – Porto Nacional, Pedro Afonso e Tocantinópolis - apenas dois periódicos foram editados. *Ecos do Tocantins* (1951) e *Anuário do Tocantins* (1957), em Pium. O primeiro pode ser relacionado como periódico de Porto Nacional já que Pium neste período era distrito de Porto Nacional.

A terceira fase vai de 1960 a 1988, em que se consolida a industrialização, construção de Brasília e abertura da Belém-Brasília, fatores que indiretamente contribuíram para a criação do Estado do Tocantins, em 1988. No norte de Goiás a imprensa deixa de ser partidária para se transformar em comercial. É o período que Sodré aponta como o início da formação dos conglomerados da imprensa. No norte de Goiás a imprensa entrava na fase comercial.

Na produção jornalística também acontece uma mudança importante, sai o beletismo dominado por escritores e entra o texto enxuto, informativo e imparcial. (PETRARCA, 2007; MARQUES DE MELO, 1972, 2012; MIRANDA, 1973; MONTENEGRO, 1994; MORAIS, 1994; MOTTA, 2008; NETO, 1951; NORA, 1993). É o fenômeno denominado de objetividade que surgiu nos Estados Unidos na virada do século XX e chega ao Brasil no início da segunda metade do século e que segundo Dinis marcou um dos momentos de ouro da imprensa brasileira (DINIS, 1977; KLAFKE, 2011; OLIVEIRA, 1997; PARENTE, 2003; RIZZINI, 1988; SILVA, 1972; SCHUDSON, 2010; SANTOS, 1999; TELES, 1989; TUCHMAN, 1999; WAINER, 1988; WOLTON, 1996).

No Tocantins a objetividade como conceito jornalístico só veio se firmar a partir dos anos 80 com o desenvolvimento da imprensa comercial. Sua prática como comprovação da imparcialidade só passou a ser uma regra, fundamental, após a criação do Estado do Tocantins. Os vícios do jornalismo político da fase anterior exerceram influência na nascente imprensa comercial. É a fase do jornalismo financiado com verbas oficiais e atrelado aos interesses governamentais. Periódicos volumosos, tiragem expressiva e distribuição gratuita, e provavelmente baixo índice de leitura. Esse era o modelo dos jornais da época.

A partir da década de 80 Araguaína assume a condição de polo de produção da imprensa mais importante do norte. Porto Nacional ainda se mantém como sede de jornais regionais, mas já não é mais o principal polo de irradiação de notícias. Araguaína neste período já era o maior município do norte.

Neste período a imprensa passa por mais uma grande mudança. Periódicos que até então dispunham de poucos recursos gráficos entram na fase da modernidade. Em vez de pequenas tipografias os jornais passam a ser impressos em rotativas industriais. Jornais deste período ganham em qualidade, volume, circulação e faturamento, mas perdem em cobertura regional.

O segundo período vai de 1988 a 2018, da criação do Estado do Tocantins ao desaparecimento do *Jornal do Tocantins*. É possível inferir que a imprensa, em função da mudança de contexto – criação, implantação do Estado e construção de Palmas - ganha outra motivação. Agora, mais do que acompanhar a instalação do novo Estado, era preciso contribuir com o seu desenvolvimento. O engajamento de alguns jornais na luta pela criação do Estado agora parece virar regra. Todo periódico deseja demonstrar engajamento no desenvolvimento do Estado. É o completo domínio da imprensa governista.

A partir da criação do Estado desponta um tipo de imprensa, que se transformou ou nasceu com o novo Estado. Cinco jornais conseguiram fazer a travessia do primeiro para o segundo período. O *Estado do Tocantins* (1975) *Jornal do Tocantins* (1979), *O Regional* (1986), *Paralelo 13* (1986) e *Folha da Cidade* (1988). Apenas o *Paralelo 13* se mantém no formato

original.

Jornais que surgiram com a criação do Estado do Tocantins: *O Jornal* (1989), *Cinco de Outubro* (1990), *Correio Tocantinense* (1991), *O Pioneiro* (1991), *Opinião Pública* (1992), *Jornal D'Elas* (1992) *Gazeta do Tocantins* (1993), *Tribuna Popular* (1993), *Tins e Tais* (1993) *Jornal do Dia* (1994), *Primeira Página* (1994) *Tribuna do Estado* (1994), *O Tocantins* (1995), *Jornal do Povo* (1995), *Stylo* (1996), *Diário Tocantinense* (1997), *Tribuna do Tocantins* (1997), *Jornal dos Municípios* (1997), *Dezoito de Março* (1998) dentre muitos outros. Jornais ganham a partir da criação do Estado a forte concorrência do rádio, e da televisão e outras mídias, sobretudo a partir da emergência da internet.

O primeiro grande impacto da criação do Estado do Tocantins na imprensa é a explosão de novos periódicos que surgem e desaparecem com mesma velocidade. Em um período de 30 anos são mais de 70 periódicos. Alguns como *O Jornal* (1989), *Cinco de Outubro* (1991), *Correio Tocantinense* (1991), *Folha Popular* (2001) fizeram história; outros migraram para plataformas digitais e outros desaparecem sem deixar vestígios que um dia existiram.

Historiadores da imprensa deste período devem realizar inventário na Secretaria Estadual de Comunicação (SECOM), era para lá que se dirigiam a quase totalidade dos periódicos editados no Estado, em busca de verbas publicitárias oficiais.

O segundo ciclo pode ser dividido de igual maneira em três fases. Sendo a primeira fase de 1988 a 1998, da criação do Estado do Tocantins ao aparecimento da imprensa diária. A segunda fase de 1998 a 2005, do aparecimento do jornal diário ao surgimento dos veículos virtuais. A terceira fase, de 2005 a 2018, do domínio dos veículos virtuais ao desaparecimento do *Jornal do Tocantins*, impresso.

Metodologia

O recorte histórico deste trabalho tem como referencial teórico a análise de conteúdo no conceito de Bardin que recomenda que o olhar do analista de conteúdo deve ir além das aparências, tem que ter sensibilidade para ler o que não está escrito, observar o que está no segundo plano.

O grafólogo pode tirar suas conclusões sem se preocupar com o sentido do manuscrito que tem diante de si. O arqueólogo pode completar conhecimentos históricos através de uma ânfora, sem que seja obrigado a servir-se dela. Pelo contrário, a tentativa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente *desviar* o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efetuada pelo analista de conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura “à letra”, mas antes o realçar de um sentido que se encontra no segundo plano. (BARDIN, 2009, p. 41).

Burke, que legitima jornais como fontes de historiografia. Thonpson, que observa que as relações mediadas pelos veículos de comunicação transformam as organizações e criam novas formas de exercício do poder que não dependem mais do contato face a face.

De um modo fundamental, o uso dos meios de comunicação, transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação, e novas formas de exercer o poder que já não está mais ligado ao compartilhamento local comum (THOMPSON, 2002, p.14).

E DUBY, historiador das mentalidades que sugere que não são as semelhanças que vão nos impressionar, são as variações que nos levam a fazer-nos perguntas. Por que e em que mudamos? E em que o passado pode dar-nos confiança? (DUBY, 1998; RAMÓN Y CAJAL, 1943).

Possibilidade de escrita da história

Estudos de imprensa assumem caráter de emergência na pós-modernidade. O uso de narrativas dos jornais pelas ciências sociais está generalizado. Nos diversos campos de pesquisa da comunicação à política, da literatura ao jornalismo, passando pela educação, direito, história a imprensa se impõe como fonte de consulta e objeto de pesquisa.

[...] já vai longe o tempo em que uma compreensão positivista das evidências descartava a imprensa como fonte “fidedigna” e a olhava com desconfiança questionando sobre sua parcialidade e engajamento. De há muito, acertamos que o passado não nos lega testemunhos neutros e objetivos e que todo documento é suporte de prática social, e por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na intencionalidade histórica que o constitui. (CRUZ & PEIXOTO, 2007, p. 258).

A emergência da imprensa como fonte historiográfica em ciências sociais apoia-se em movimentos mais profundos no interior da história que resultaram no surgimento da Escola dos Annales, que permitiu uma maior abrangência da produção historiográfica. A nova metodologia da história provocou um impacto tão importante nos estudos de história que passou a ser chamado de revolução francesa da historiografia.

Febvre preconizava uma nova história capaz de construir problemas e apresentar hipótese e que rompia de forma radical com a história tradicional. (BURKE, 1997). Sua maior contribuição foi criar possibilidades de diversificar o fazer histórico. Burke assinala que a grande contribuição da Revista dos Annales, veículo de difusão do movimento foi permitir uma maior aproximação das ciências sociais e inovação temática.

A partir da Escola dos Annales jornais passam a ser encarados como fontes de consulta para produção historiográfica, indicados para o que Braudel chama de história serial, de longa duração em que se pode observar a estrutura e a conjuntura.

[...] os historiadores sociais e econômicos estão empregando cada vez mais tipos de documentação, cuja real utilidade como evidência histórica repousa no fato de que seus compiladores não estavam deliberada e conscientemente registrando para a posteridade. Supõe-se que muitos desses compiladores ficariam surpresos, e talvez preocupados, com o uso que os historiadores recentes fizeram dos casos judiciais, registros paroquiais, testamentos e transações de terras feudais que registraram. Tal evidência pode ser empregada, adequadamente, para explorar ações e ideias explícitas ou suposições implícitas, e também para propiciar uma base quantitativa às experiências do passado. (BURKE, 1992, p. 48).

Jornais são arquivos de memórias com registros de época e que possibilitam a construção da história e a compreensão do presente a partir de leituras do passado. Narrativas de jornais oferecem inúmeras possibilidades de investigação em ciências sociais. Quer seja sobre as intrincadas relações da mídia com o poder, que permite compreender que papel a imprensa exerce na sociedade; ou estudos da comunicação, com base no desenvolvimento da publicidade e propaganda; uso da fotografia, adoção de novas tecnologias, interatividade com o público leitor até o poder simbólico da imprensa como produtora de sentido e de resignificação. Aspectos que constroem a história da imprensa.

O clássico Coronelismo no Extremo Norte de Goiás, O Padre João e as Três Revoluções de Boa Vista, de Palacín que retrata a guerra civil no extremo norte de Goiás no período de 1897 a 1947, período que coincide com o surgimento e domínio político de Padre João, em Boa Vista, hoje Tocantinópolis. Um boa-vistense que saiu para estudar, ordenou padre, e, voltou à terra para servir ao povo e virou senhor absoluto dos destino do lugar.

Esta é a história de uma região, extremo norte goiano, de uma cidade, Boa Vista – atualmente Tocantinópolis – e de um homem, o padre João. Três histórias tão intimamente entrelaçadas, que não se poderia entender separadamente. (PALACÍN, 1990, p.5).

Palacín conta que foram três as “revoluções” que sucederam em Boa Vista em menos de seis décadas, podendo, pois, qualificar, em violência, este período da história do extremo norte de Goiás como a época das revoluções. (PALACÍN, 1990).

Essa verdadeira guerra civil, que se prolongou durante um lustro foi o mais que uma ocorrência sem futuro, criou o tipo de revolução sertaneja e institucionalizou seus mecanismos de forma que, durante longo período do padre João (1897-1947), a revolução se tornou o meio normal de solucionar as tensões políticas e sociais. Boa Vista e seu povo, os boavistenses, passaram, assim, a ser vistos no Estado com o protótipo do povo por essência revolucionário; embora este qualificativo, para todos indiscutível, recebesse na controvérsia política as mais opostas valorações morais: para uns, normalmente os opositoristas, Boa Vista e os boavistenses deveriam ser considerados os paladinos da liberdade, um exemplo excepcional dentre do servilismo e apatia gerais na aceitação dos despotismos; para outros, normalmente os aliados do poder, Boa Vista poderia ser apresentada como exemplo de atraso em todas as ordens e do poder destrutivo da violência irracional. (PALACÍN, 1990 p.6).

Esse clássico da história goiana tem um pouco da contribuição dos periódicos. Palacín consultou os jornais regionais *Norte de Goyaz*, de Porto Nacional, *O Norte*, de Barra do Corda (MA), *A Tarde*, de Carolina (MA), *Folha do Norte*, de Porto Nacional, além de jornais das capitais, Goiás (GO) e de São Luís (MA) e conseguiu refazer as tramas do coronelismo no extremo norte de Goiás, região tocantinense denominada de Bico do Papagaio. O autor fala da importância e da necessidade de metodologia adequada para consulta aos periódicos.

O primeiro grupo de fontes impressas, e o mais importante, é constituído pelos periódicos. É verdade que as informações que nos oferecem sobre Boa Vista e a região são quase que exclusivamente de tipo político e, mais precisamente, relativas aos conflitos armados, que enfrentaram os habitantes do município. Mas a este respeito, os diversos jornais são bastante abundantes em dados e se completam por pertencer a diversas correntes políticas. (PALACÍN, 1990, p.233).

Para escrever a sua dissertação de mestrado em história com o título *Um porto no Sertão, Cultura e Cotidiano em Porto Nacional 1880/1010*, que aborda a trajetória histórica de um dos núcleos urbanos mais importantes do norte de Goiás, Maria de Fátima Oliveira teve que recorrer aos periódicos locais editados neste período. A pesquisadora consultou os jornais – *Folha do Norte* (1891) *O Incentivo* (1902) e *Norte de Goyaz* (1905) e percorreu o cotidiano da cidade por meio de narrativas destes jornais. O primeiro número do primeiro jornal a circular no norte de Goiás relata a dificuldade do empreendimento que enaltece ainda mais a condição de Porto Nacional.

Atodo goiano em cujo peito palpita o honroso sentimento de patriotismo, é consagrado este jornalzinho (sic) que após uma longa e interrompida série de esforços conseguimos dar hoje a luz da publicidade. (*Folha do Norte* n. 1, 1891 apud OLIVEIRA, 1997).

O *Folha do Norte* editado pelos coronéis Frederico Lemos e Luiz Leite Ribeiro começou a circular em três de junho de 1891, permaneceu em atividade até 1894. Oliveira aponta que o seu principal objetivo era o de pugnar pelo bem público e chamar atenção do poder público para as necessidades da região apontada como isolada e esquecida (OLIVEIRA, 1997).

O *Incentivo*, segundo periódico do norte de Goiás, editado em Porto Nacional em 1901, por Luiz Leite Ribeiro que participara da empreitada do *Folha do Norte*, segue o ideário do periódico pioneiro. Em suas narrativas estão impressas o cotidiano de Porto Nacional como se pode observar até mesmo nas mensagens enviadas pelos leitores.

A nosso respeito

Várias pessoas de diferentes pontos do Estado, nos teem escripto mimosas cartas de congratulações pelo apparecimento d'*O Incentivo*.

Podendo acontecer que, involuntariamente, tenhamos deixado de responder a algumas dessas cartas, enviamos por este meio um geral agradecimento a todos aquelles que nos applaudem.

Numa dellas, le-se:

Segundo a nossa carta geographica, o Porto é cidade muito central do Brazil; pois bem, estáes fallando ao mundo, como que de uma tribuna erguida no coração da Patria.

Parabens & Obrigados. (*O INCENTIVO*, n.º 5, 1902)

Três anos após o desaparecimento de *O Incentivo* surge o *Norte de Goyaz*, terceiro período do norte de Goiás e o que teve maior tempo de circulação, quase 50 anos.

Extraordinariamente pomposos e deslumbrantes tiveram logar nesta cidade os festejos em louvor ao Divino Espírito Santo, constando de uma verdadeira promiscuidade de festas religiosas e mundanas. (*Norte de Goyaz*, n.º 73, 1908 apud OLIVEIRA, 1997).

Jornais também são fontes para outros campos de investigação científica. Estudo de gênero: qual o lugar da mulher na imprensa, porque elas eram invisíveis nos expedientes dos jornais até os anos 80? Estudo das relações interétnicas: como a imprensa contribui para a extinção dos povos indígenas a partir de narrativas pautadas por “ideias equivocadas” sobre os índios que domina o imaginário da sociedade brasileira (FREIRE, 2002).

Relatos de viagens colhidos a partir de impressões de canoeiros, barqueiros ou de viajantes e publicados na imprensa revelam dados e documentos de uma história ambiental que era produzida nos jornais. As crônicas de João Fernandes da Conceição, publicadas no periódico *Ecos do Tocantins*, na década de 50 permitem-nos compreender o quanto a navegação significou para a região vir a ser o que é hoje.

Com aposte de referencial teórico adequado para cada temática e adoção de metodologia de análise de conteúdo de Bardin, análise de narrativa de Motta e método indiciário, de Ginzburg pode se ampliar as perspectivas de escrita da história. Novas perspectivas permitem outros olhares que podem enriquecer a historiografia do Tocantins.

Investigando os jornais neste processo de conservação e mudança das fronteiras dos diversos imaginários sociais vai nos permitir compreender a influência que esses periódicos exerceram na elaboração de novos sentidos, afinal são os veículos de comunicação que propagam novos modelos culturais que nos permitem compreender as permanências que são evidências de comportamentos mentais.

Jornais manuscritos

A diversidade dos periódicos do norte de Goiás contempla um tipo até então desconhecido, o jornal manuscrito. Este pesquisador encontrou pelo menos sete periódicos que se enquadram nesta categoria – *O Cordão* (1928), de Porto Nacional; *A Vida* (1935), *O Norte* (1935), *O Brasil* (1940) e *O Colegial* (1940), de Pedro Afonso; *Voz do Araguaia*, de Cristalândia (1958) e *Terra Boa* (1972), de Dianópolis.

Periódico	Circulação	Cidade	Editor
A Vida	1935/1935	Pedro Afonso	Redação anônima
O Norte	1935/1935	Pedro Afonso	Maria da Conceição Tavares
O Brasil	1940/1940	Pedro Afonso	Messias Tavares e Álvaro Japiassú
O Colegial	1940/1942	Pedro Afonso	Messias Tavares e Álvaro Japiassú
Voz do Araguaia	1958/1958	Cristalândia	Sebastião A. Oliveira e Alberto Pinheiro Lemos
Terra Boa	1972/1974	Dianópolis	Edilton Bartolomeu Silva, Benedito Pereira Lima e Antonio Costa Aires

Pedro Afonso parece ser o berço desse tipo de publicação. Ao menos quatro jornais manuscritos circularam na cidade e mesmo depois da instalação de um prelo na cidade a trajetória dos manuscritos continuou. *A Vida* foi o pioneiro. Escrito em papel almaço, formato A4, quatro páginas, duas colunas. Era apócrifo. No cabeçalho estava escrito logo abaixo do título Redação Anônima. Trazia informações do cotidiano da cidade. Com o título Considerando, especial para “*A Vida*”, leitor narra preocupação e surpresa ao voltar para sua terra e encontrar o periódico que chamou de jornal da terra.

Quando eu viajava as mansas águas do caudaloso Tocantins com destino a esta vila, eu lia um jornal. A lancha marchava lentamente lançando ao ar escura fumaça enquanto eu pensava no destino, com saudade da minha terra dos meus rios, dos meus campos, das minhas flôres e fontes enfim, da minha gente, da sociedade em cujo meio creci. A lado da minha grande saudade, um pensamento. Que pensamento? Eu pensava...que ia para um vila onde não se lia jornal da terra. Que engano! Chegou às minhas mãos “*A Vida*”, lia-a com tanta simpatia, o pensamento desapareceu e ficou a saudade. Fiquei deveras contente; e ainda mais...considerando.

Ô que, e sobre quem só direi noutra numero. Por ora basta saber que fiquei... Com-si-de-ran-do. [sic] (*A VIDA*, nº XX).

Ainda em 1935 surge *O Norte*, o primeiro jornal editado por uma mulher. Maria da Conceição Tavares, que bem pode merecer o título de pioneira da imprensa de Pedro Afonso. Escrito em papel almaço, formato A4, quatro páginas em duas colunas, no mesmo formato de *A Vida*. Tinha tiragem de 15 exemplares, destinados aos assinantes. O periódico narrava fatos políticos, sociais e culturais da cidade.

No final dos anos 40, dois jovens estudantes – Messias Tavares e Álvaro Japiassú – que acabam de concluir o ensino básico decidem empreender um projeto ousado. Editar um jornal para noticiar os acontecimentos da cidade. Talvez influenciados pelo *A Vida* e *O Norte* eles editam *O Brasil*, informativo juvenil bem humorado, no mesmo formato dos manuscritos anteriores. Uma nota de rodapé, sem título chama atenção para a missão do periódico. “Estamos trabalhando com todo o esforço para acendermos uma luz que aclare o espírito de todos e esta

luz é o saber.” (O BRASIL, 1940).

A essa altura Pedro Afonso contava com um prelo que imprimia o jornal *A Palavra*, lançado em 1938. Sem recursos para pagar a impressão na tipografia local, Messias e Japiassú resolvem montar um projeto mais bem acabado. Em dezembro de 1940 nascia *O Colegial*. Escrito em papel almaço, quatro páginas em três colunas e diagramado no formato de jornal. Pela estampa *O Colegial*, era bem mais apresentável que os manuscritos anteriores. Tinha tiragem de 50 exemplares que eram distribuídos junto aos assinantes. No editorial do primeiro número os editores dão a boa notícia.

Publica-se, neste luminoso domingo de dezembro, o primeiro número do jornalzinho, semanário, manuscrito, “O Colegial” destinado a ser o porta-voz da cidade de Pedro Afonso.

Apesar da modesta aparência está fadado a alcançar sucesso. Idealizado na noite de 25 de novembro, com grande entusiasmo dos seus fundadores, que desejam o progresso desta terra. [...] (O COLEGIAL, nº 1, 1940).

A aventura dura pelo menos dois anos. Com a reativação da impressora o jornalzinho passa a ser impresso em tipografia e ganha formato de jornal. *O Colegial* que já tinha um público cativo ampliou a sua audiência. O jornal, porém, deixa de existir em 1942, quando seus editores são convidados a assumir a edição do semanário *A Palavra*, criado por Raimundo Costa Júnior, proprietário do parque gráfico.

Sobre o *Voz do Araguaia* só sabemos que era datilografado com a reprodução de um exemplar por vez, como o mecanismo de manuscrito. Surgiu em 1958 editado por Sebastião A. Oliveira e Alberto Pinheiro Lemos.

Em 1972 circula em Dianópolis o semanário *Terra Boa*, empreendimento dos jovens Antônio Costa Aires, diretor de redação; Edilton Bartolomeu Silva, diretor administrativo e Benedito Pereira Lima, diretor social. Semanário, formato ofício, datilografado, em três colunas, com utilização de ilustrações, assinadas por Edilton Bartolomeu. Periódico satírico que tinha como patrono o jornalista João Terra Holmis, assassinado em Dianópolis na década de 40.

conseguimos em conceição do norte uma bicicleta que foi vendida por joão terra holmis ao senhor sebastião guedes – na década de 30 – encontra-se em perfeito estado de conservação. rodaremos nela nas duas dianapolinas nos próximos dias. agradecemos ao sr. jonas fernandes. [sic] (TERRA BOA, nº 6, 1973).

Jornais manuscritos considera-se um tipo de imprensa que Sodré classifica de artesanal, que não alcança os padrões da tipografia (SODRÉ, 1983). Tipo alternativo de produção de notícias, praticado quase sempre por estudantes. Esse tipo de periódico foge ao conceito de imprensa que faz referência ao equipamento, prensa móvel, mecanismo de multiplicação de textos por meio da impressão.

Jornais manuscritos são ignorados pelo estudo de mídia, mas tiveram sua importância na história da imprensa brasileira. Os manuscritos se caracterizam por apresentar tiragem limitada, quase sempre dirigida aos assinantes, mas em muitos casos eram distribuídos gratuitamente e, muitas vezes apresentavam notícias em forma de verso, recurso que servia para compensar a impossibilidade de reprodução em massa. O verso facilitava a memorização. Os jornais manuscritos são testemunho de um atraente cruzamento entre cultura oral e cultura escrita no século XIX.

A Biblioteca Nacional mantém em seu acervo 22 desses periódicos, dos quais 20 estão sob a guarda do Setor de Manuscritos. O título mais antigo presente nesta exposição é *A Careta*, de 1863, produzido na Rua Direita, atual Primeiro de Março, espaço de grande importância comercial no Rio de Janeiro da época.

A decisão de contemplar periódicos manuscritos ou datilografados neste trabalho não quer dizer relativizar o conceito de jornal, mas como forma de mostrar a diversidade da imprensa do norte de Goiás, incluindo tipos que não dependiam de tipografia, estrutura gráfica que poucos municípios detinham. Demonstra ainda a disposição de atores sociais em buscar alternativas para produzir notícias. Jornal compreende-se por veículo de difusão de notícia por meio de texto impresso.

Para não concluir...

A imprensa no norte de Goiás em função das condições de subdesenvolvimento da região, precárias condições de transporte e de comunicações teve o seu processo de desenvolvimento bem diferente da imprensa produzida no sul do Estado. Talvez num ritmo mais lento o que resultou em periódicos mais acanhados em termos de volume, produção jornalística, recursos gráficos bem como a área de abrangência. Não em termos de conteúdo e de audiência.

Ao longo do processo de formação do Tocantins várias funções e imagens foram sendo configuradas em torno da identidade da região. Essas representações estão presentes, sobretudo na maneira como os jornalistas retratavam a região em suas narrativas destacando o paradoxo em torno da imagem da região, dona de enorme potencial de riqueza e ao mesmo tempo pobre, esquecida e isolada. Os jornais do norte podiam até ser menores do ponto de vista técnico em comparação com jornais de outras regiões, mas cumpriam bem o papel de imprensa regional.

O primeiro aspecto que se pode levar em conta refere-se ao atraso da chegada da imprensa no norte em relação ao sul. Enquanto no sul de Goiás a imprensa chega nas primeiras décadas do século XIX, no norte de Goiás a impressão de jornais só vai acontecer na última década. O primeiro jornal do norte, *Folha do Norte*, cujo primeiro número veio à luz em três de maio de 1891 não se compara em nada com a *Matutina Meiapontense*, o primeiro jornal de Goiás, fundado em 1830. Outro dado importante que comprova esta enorme distância entre norte e sul na prática jornalística, quando o *Folha do Norte* surge o sul contava com mais de 40 jornais. (COSTA, 2004).

Semanário, formato tabloide, quatro páginas, em três colunas, sem uso de fotografia, tiragem de mil exemplares, cobertura jornalística local com apoio de colaboradores. Esse é o modelo sintético da média dos jornais do norte de Goiás até metade do século XX. A partir daí entra em cena outro modelo bem diferente que reflete bem a mudança da imprensa partidária e opinativa para a imprensa comercial.

Quinzenário, formato standard, 12 páginas, projeto gráfico, tiragem de 2 mil exemplares e cobertura de todo o Estado. Esse é o modelo sintético da imprensa do norte a partir da década de 50.

Pode se perguntar qual a diferença da imprensa produzida em Goiás para a imprensa que se fazia no norte de Goiás? Pode não ser tão evidentes aos olhos de quem observa esses dois modelos pelas lentes de apenas um deles. Olhando os jornais do norte não se pode compreender em profundidade como se deu o desenvolvimento da imprensa no sul do Estado. Pelos jornais do sul não se consegue perceber as minúcias dos jornais produzidos no norte de Goiás. Modelos diferentes em estágio de desenvolvimento. A força de vontade dos empreendedores, a criatividade dos jornalistas e gráficos e a presteza dos colaboradores.

A história da imprensa de Goiás compreende dois universos próprios, marcados por antagonismos que os definem. Seu estudo requer instrumental metodológico que os compreendam em suas especificidades. Se este processo fosse automático, se não houvesse o impasse epistemológico os jornais do norte teriam sido profundamente estudados pela história da imprensa goiana. Qualquer pesquisador desta área se depara com uma grande lacuna no estudo da imprensa goiana que não consta jornais desta região do Estado abaixo do paralelo 13.

Até a década de 50 quase todos os jornais do norte mantinha no expediente a disposição de veicular material de colaboradores. Os jornais desta época se davam ao luxo inclusive de contar com correspondente em cada cidade da região. Ver-se tratar de atividade não remunerada já que não havia regularidade no envio de matérias para publicação. Quando havia uma

foto que merecesse registro o correspondente enviava a notícia para a redação que fazia questão de garantir os créditos. Quase sempre eram os procuradores do veículo naquela localidade para cuidar dos seus interesses, distribuição, venda de assinatura e de eventuais anúncios.

A invisibilidade dos jornais do norte nos levar questionar. Não houve imprensa nesta região ou os jornais editados no norte não têm interesse para a história? Nem uma coisa e nem outra. O norte contou com inúmeros jornais tão importantes quanto os do sul e que têm relevância para a história, mas são dotados de especificidades que tem a ver com as condições com que eram produzidos. O desprezo da história da imprensa goiana pelos jornais do norte não é muito diferente da indiferença histórica entre sul e norte que desde muito cedo no dizer de Palacín alimentou o discurso autonomista.

Norte, em Goiás, deixou muito cedo de ser um denotativo meramente geográfico para carregar um peso de oposição política, primeiro, todo um quadro de involução social e atraso econômico, de subdesenvolvimento, diríamos com uma expressão atual, mas tarde. (PALACÍN, p. 9, 1990).

De acordo com uma visão puramente marxista o desenvolvimento da imprensa é resultado do desenvolvimento capitalista. Por este raciocínio podemos concluir que a diferença entre norte e sul de Goiás que refletiu no desenvolvimento da imprensa em âmbito regional não tem a menor diferença de outras áreas, com educação, saúde, transporte em que o sul ao longo dos tempos concentrou mais recursos.

O que chama atenção na imprensa no norte de Goiás é a sua força simbólica junto ao imaginário do norte. E se fez assim sem as condições básicas, recursos financeiros para investimentos, profissionais capacitados e público leitor. Um caso bastante interessante de imprensa regional que fugiu aos controles de poder resistiu ao cerco autoritário dos governos e conseguiu cumprir a missão de porta voz da região, tendo contribuído de forma efetiva para a formação do Tocantins.

Referências

ANUARIO Histórico, **Geográfico e Descritivo do Estado de Goyaz para 1910**. Organizado por Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Livraria Século XX Aredio de Souza, Uberaba- Araguay- Goyaz.

ASMAR, José. **O Legislador da Construção de Brasília, As leis e a liderança de Emival Caiado que garantiram a Nova Capital da República**. Goiânia: Kelps, 2000.

BARBOSA, Marialva. **“Como escrever uma história da imprensa?”**. In: Grupo de Trabalho História do Jornalismo, II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis, 2004.

BARBOSA, Marialva. **História da Imprensa (1900-2000)**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007a.

_____. **Percursos do Olhar. Comunicação, Narrativa, Memória**. Niterói: EDUFF, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BARTHES, Roland. **Análise Estrutural da Narrativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**/Pierre Bourdieu: introdução, organização e Seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRINGEL, F.; SACRAMENTO, E. HISTÓRIA E MEMÓRIA DE UM MUNICÍPIO DA AMAZÔNIA a chegada do “progresso” em Moju/ PA (Década de 1980). **Revista Observatório**, v. 2, n. 2, p. 113-141, 30 maio 2016. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p113>.

BURKE, Peter. **A Escrita da História, Novas Perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CABRAL, Muniz Sodré Araújo. **A Narração do Fato, Notas para uma teoria Acontecimento**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. **O discurso autonomista do Tocantins**. Goiânia: Ed.da UCG,2003.

CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/ Edusp, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COELHO, G. BELÉM E A BELLE ÉPOQUE DA BORRACHA. **Revista Observatório**, v. 2, n. 5, p. 32-56, 25 dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n5p32>.

COLFERAI, S. PESQUISA NA AMAZÔNIA: notas históricas para a produção de conhecimento comunicacional. **Revista Observatório**, v. 5, n. 2, p. 153-173, 1 abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2019v5n2p153>.

COLFERAI, S.; NICOLIELO, N. POLÍTICOS E IMIGRANTES: os primeiros anos da imprensa em Vilhena-Rondônia (1975-1950). **Revista Observatório**, v. 2, n. 5, p. 57-92, 25 dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n5p57>.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel,1990.

CHIARADIA, Clóvis, Dicionário Ilustrado Tupi Guarani. <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/tocantins/> acessado em 10.12.18.

D'ABREU, João. **Razões de uma atitude**. Goiânia, s/ED, 1972.

De FLER, Melvin L. **Teorias da Comunicação de Massa**. 5ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

DINES, Alberto. **Papel do Jornal, tendências da comunicação e do jornalismo no mundo em crise**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Art Nova s.a., 1974.

DUBY, Georges. **Ano 1000 Ano 2000 na Pista dos nossos medos**. Unesp, 1998.

FAUSTO, Bares. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FLORES, Kátia Maia. **Caminhos que Andam, O Rio Tocantins e a Navegação Fluvial nos Sertões do Brasil**. Goiânia, Ed. UCG, 2009.

FREIRE, J.R. Bessa. **Cinco ideias equivocadas sobre o índio**. In Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano. Manaus, 2000.

GIDENNS, Antony. **O mundo em descontrole. O que a globalização está fazendo de nós.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes. O Cotidiano e as Ideias de um Moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIRALDIN, Odair, org. A (trans)formação histórica do Tocantins/Odair Giralдин (org). Goiânia: Ed. UFG; Palmas: Unitins, 2002.

GOMES, Wilson. Transformações da política na era da comunicação de massa. São Paulo: Paulus, 2004.

GOMIS, Lorenzo. **Teoria del periodismo, Como se forma el presente.** Barcelona: Paidós, 1991.

HACKETT, R. A. **Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objetividade nos estudos dos media noticiosos.** In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Lisboa: VEJA, 1999.

HOSBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** 26 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

MALERBA, **Jurandir. História e Narrativa. A Ciência e a Arte da Escrita Histórica.** Editora Vozes Limitada. Petrópolis, RJ, 2016.

MARQUES DE MELO, José. **Estudo de jornalismo comparado.** São Paulo: Pioneira, 1972.

_____. **História do Jornalismo – Itinerário crítico, mosaico contextual.** 1ª edição, São Paulo: Editora Paulus, 2012.

MIRANDA, Ana Brito. **História de Pedro Afonso.** Goiânia: Oriente, 1973.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória, a cultura popular revisitada.** 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 1994.

MORAIS, **Fernando. Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística.** In: Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.), 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MUNARO, Luís Francisco. **Rios de palavras: a imprensa nas periferias da Amazônia (1821-1921).** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

MUNARO, L. AS MÍDIAS E A MODERNIDADE NO INÍCIO DO SÉCULO XX AMAZÔNICO. **Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 1, n. 2, p. 97-119, 30 ago. 2017.

MUNARO, L. NEM INFERNO, NEM PARAÍSO: esfera pública e a construção de um conceito de Amazônia (1930-1937). **Revista Observatório**, v. 5, n. 4, p. 412-437, 1 jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p412>.

MUNARO, L. CORONÉIS, JORNAIS E A FORMAÇÃO DOS MUNICÍPIOS NO AMAZONAS. **Revista Observatório**, v. 4, n. 6, p. 270-292, 8 out. 2018. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n6p270>.

NETO, Trajano Coêlho. **Jornal Ecos do Tocantins**. Acervo particular: Pium, 1951.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Rio de Janeiro: S/E, 1993.

NOGUEIRA, W. CINEMA NO AMAZONAS: o imaginário colonizado navegando numa sociologia de ausências e emergências. **Revista Observatório**, v. 2, n. 5, p. 93-120, 25 dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n5p93>.

NUNES, F.; SILVA, B. Colonos maranhenses e vida rural no interior do Pará, décadas de 1970-80. **Revista Observatório**, v. 2, n. 2, p. 79-94, 30 maio 2016. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2especial1p79>.

KLAFKE, Álvaro Antonio. **Antecipar essa idade de paz, esse império do bem. Imprensa periódica e discurso de construção do Estado unificado** (São Pedro do Rio Grande do Sul, 1831-1845). Tese de doutorado. UFRGS, Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Um Porto no Sertão, Cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910**. Dissertação de Mestrado em História da Universidade Federal do Tocantins (UFT), 1997.

PARENTE, Temis Gomes. **Fundamentos Históricos do Estado do Tocantins**. 2ª ed. Goiânia, editora UFG, 2003.

PALACÍN, Luis G. **Coronelismo no Extremo Norte de Goiás, O Padre João e as três Revoluções de Boa Vista**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

PETRARCA, F. R. 2007. **As condições sociais de emergência e de desenvolvimento do jornalismo no BRASIL**. In: Petrarca, F. R. **"O jornalismo como profissão": recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFRS.

RAMÓN Y CAJAL, Santiago. **Regras e conselhos sobre a investigação científica**. Tradução Achilles Lisboa. 3.ed. São Paulo: T.A.Queiroz: USP.

- RODRIGUES, Lysias A. **Roteiro do Tocantins**. Livraria José Olympio Editora, RJ, 1943.
- ROSA, R.; PACHECO, R.; SCHWAAB, R. INDÍGENAS NOS JORNAIS DA AMAZÔNIA LEGAL: breve leitura a partir da Análise de Conteúdo. **Revista Observatório**, v. 4, n. 6, p. 544-573, 8 out. 2018. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n6p544>.
- RIZZINI, Carlos. **O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil, 1500-1822**. Ed. Fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.
- SILVA, Francisco Ayres. **Caminhos de outrora: diário de viagens**. Departamento Estadual de Cultural, 1972.
- SCHUDSON, Michel. **Descobrimo a Notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**/Michael Schudson; tradução de Denise Jardim Duarte. Petrópolis, RJ, Vozes, 2010.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SANTOS, L. C. S. AS NARRATIVAS MITOMIDIATIZADAS PROPAGANDEADAS SOBRE A AMAZÔNIA PELA publicidade. **Revista Observatório**, v. 2, n. 5, p. 293-309, 25 dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n5p293>.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil de Getúlio a Castelo**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SEIXAS, N.; SIQUEIRA, T. IMAGEM E IMPRENSA NA AMAZÔNIA: a configuração da fotografia no jornal Estado do Pará. **Revista Observatório**, v. 2, n. 5, p. 121-154, 25 dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n5p121>.
- SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. 3ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- TELES, José Mendonça. **A Imprensa Matutina**. Goiânia: Cerne, 1989.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade, uma teoria social da mídia**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TUCHMAN, G. **A objectividade como ritual estratégico: uma análise da noção de objectividade dos jornalistas**. In: TRAQUINA, N (Org.). **Jornalismo questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: 1999.
- WAINER, Samuel. **Minha Razão de Viver, Memória de um repórter**. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- WOLTON, Dominique. **Elogio do Grande Público. Uma crítica da TV**. São Paulo, SP, Ática, 1996.